

16/08/2012 - Hidrelétricas com reservatórios agridem menos o meio ambiente e podem impedir novo apagão

Estudos apontam que restrições ao armazenamento de água aumentam o impacto à natureza. Estima-se que a cada 1% de perda de capacidade dos reservatórios no país, há um aumento de 23% nas emissões de gases de efeito estufa

O setor elétrico brasileiro pode voltar a ter usinas com reservatórios de regularização, que armazenam a água para garantir o fornecimento de energia ao sistema interligado brasileiro. Trata-se de uma forma de energia limpa. Desde o início da década passada, diante da forte campanha de ecologistas, passaram a ser construídas apenas as usinas a fio d'água, ou seja, usinas com reservatórios pequenos, sem capacidade de armazenamento, para reduzir os impactos ambientais. Só que segundo os especialistas do segmento, a medida, além de elevar o preço da tarifa aos consumidores aumenta o risco de apagões além de provocar um aumento das emissões de gás carbônico (CO₂), uma vez que operador se vê na contingência de despachar as usinas térmicas.

“A elevação nas emissões de poluentes acontece porque, de maio a outubro, meses com menos chuvas, as hidrelétricas, devido à menor vazão dos rios, se veem com baixa capacidade de geração e são obrigadas a reduzir a geração de energia. Como não há água suficiente armazenada nos reservatórios, o sistema tem que acionar as usinas térmicas, muito mais caras e com maior impacto à natureza”, explica Geraldo Lucio Tiago Filho, professor titular e diretor do instituto de recursos naturais da Unifei (Universidade Federal de Itajubá). Dados da consultoria PSR revelam que, até o fim de 2020, com a entrada em operação das usinas térmicas, que usam energia mais poluente, o volume das emissões de CO₂ e de outros gases que provocam o aquecimento da atmosfera vai mais que triplicar em relação ao início desta década. Passará de 22 toneladas para 72 toneladas de CO₂ para cada gigawatt por hora (GWh) gerado. A PSR estima que, a cada 1% de perda de capacidade dos reservatórios no país, há um aumento de 23% nas emissões.

Esse e outros assuntos polêmicos serão discutidos durante a VIII Conferência de Centrais Hidrelétricas - Mercado e Meio Ambiente, que acontecerá nos dias 21 e 22 de agosto na Fecomércio.

A opinião de Tiago também é compartilhada por Charles Lenzi, presidente executivo da Abragel – Associação Brasileira de Energia Limpa, uma das corealizadoras do evento. “É extremamente relevante a volta dos reservatórios que, historicamente viabilizaram a geração de energia mais limpa no Brasil. Em 2001, quando houve o racionamento, foram os reservatórios que salvaram o Brasil. Na ocasião passamos a ficar com o equivalente a quatro anos de capacidade de energia armazenada, hoje não chega a um ano. Deixamos de construir os reservatórios e paga-se um preço por isso, com sérios impactos na confiabilidade da geração. Se não tivermos reservatórios de acumulação a saída será investir em térmicas e a sociedade precisa entender as consequências de uma ou outra escolha”.

Lenzi reforça que nenhum outro país no mundo tem o potencial energético do Brasil. “As fontes alternativas vão representar 16% da matriz elétrica em 2020 de acordo com o Plano Decenal de Expansão de Energia – PDE. Só de PCHs, vislumbra-se um potencial de mais de 20 MW em projetos e estudos já desenvolvidos. O de Eólica e Biomassa é imenso e ainda teremos a

Solar nos próximos anos. Assim, imaginar um cenário com 30% de fontes alternativas não é algo muito difícil. Acredito que até 2030 isso será possível”, afirma.

Serviço

VIII Conferência de Centrais Hidrelétricas

Data: 21 e 22 de agosto

Horário: 8h45 às 18 horas

Local: Fecomércio

Endereço: Rua Dr. Plínio Barreto, 285, Bela Vista - São Paulo (SP)

Informações: www.conferenciadepch.com.br

Gabrisa Assessoria e Comunicação com